

AGUINALDO TADEU

A MULHER QUE  
PROCLAMOU A  
REPÚBLICA

EDITORA PENALUX

Guaratinguetá, 2020

## Primeira conversa

— Ela é linda...

Disse Deodoro, com um olhar apaixonado, enquanto descansava no seu canapé, lendo uma edição da *Revista Ilustrada*. Ao dizer isso, virou-se para a varanda e ficou vendo o dia quente lá fora, com o olhar distante. Percebi que seus olhos estavam molhados. O velho Marechal ficou assim por alguns minutos, sem nada dizer. Quando voltou de seus pensamentos, virou-se para mim novamente com outros olhos, alegres, vivos e penetrantes, dizendo em voz alta e abrindo os braços com empolgação:

— Aqueles olhos grandes, enormes, gigantes, tomavam conta de mim e faziam desse velho o que quisessem. Aquele sorriso enchia uma casa inteira. Era como um resplendor de luz. Aquela mulher me dominava completamente.

Ele falava dela com amor. Nem parecia o Marechal costumeiramente carrancudo. Estava ali diante de mim não o militar valente de tantas batalhas, mas um homem apaixonado como qualquer um de nós. Era bonito de se ver o velho Marechal Manuel Deodoro da Fonseca falando daquele jeito como se fosse um menino apaixonado diante de seu primeiro romance. O amor deixa inteiramente nu até mesmo os homens mais poderosos. Refleti, ouvindo e vendo como Deodoro falava dessa mulher.

— Não era só isso, meu jovem. Além dos soberbos olhos cor de azeviche, ela ainda tinha um sorriso que enfeitava seu rosto como uma fileira de babados num vestido de baile já tão bonito.

Sorrindo de encantamento, Deodoro piscou para mim. Acho que ele sorria e chorava ao mesmo tempo. Abaixei a cabeça para não o constranger na sua bonita demonstração de amor.

Estávamos no início de abril de 1892. Afastado do calvário da presidência da República, mais tranquilo e sereno na sua velhice, recolhido em seu velho casarão, Deodoro iniciou do nada esse bate-papo comigo em seu gabinete. Essas conversas se converteram numa sequência surpreendente de confidências sobre sua vida pessoal e momentos marcantes da história recente do Brasil. Essas confidências representaram, para mim, uma grande demonstração de confiança e amizade. O que ele me disse nessas tardes em seu gabinete a nenhum outro confiou. Apenas pediu a mim que nada fosse revelado antes de sua morte.

Em poucos segundos, o sorriso apaixonado abandonou seu rosto e, como uma nuvem que tapa o sol e deixa o dia nublado, o seu semblante voltou a ser sério e triste:

— Ela foi a minha única derrota. Tive vitórias memoráveis nos campos de batalha e na vida. Fui um grande vencedor. Não posso reclamar de nada, meu filho. Mas posso te dizer que Adelaide foi a mais amarga derrota da minha vida. Eu queria aquela mulher para o resto dos meus dias, mas não consegui. Tenho de reconhecer que Adelaide não é mulher para um homem só. Adelaide é uma mulher livre. Livre demais.

Após dizer essas palavras, retirou do bolso interno do paletó uma velha foto de sua amada e seu rosto iluminou-se novamente. Entregou-me a foto para que eu pudesse conhecê-la. Nela, pude ver toda a beleza descrita nas palavras comovidas do Marechal, enfeitada por seus olhos grandes e o sorriso encantador. Adelaide parecia realmente uma mulher muito atraente, uma mulher para não se esquecer.

Logo em seguida, sorrindo e suspirando ao mesmo tempo, mas sempre mantendo o semblante sisudo de sua natureza militar e dos homens do seu tempo, Deodoro voltou com a foto para o bolso do paletó e me convidou para um café com bolo de fubá, preparado por sua esposa Mariana. Naquela tarde, não voltamos a falar mais de Adelaide, somente de amenidades, como os livros da moda e as ironias da *Revista Illustrada*. Saí dali com o coração batendo forte e com a certeza de que algo extraordinário teve início naquela tarde: eu tinha deixado de ser um simples secretário para me tornar não só amigo, mas confidente do velho Marechal.

A **Revista Illustrada** foi uma publicação satírica, política, abolicionista e republicana brasileira, fundada no Rio de Janeiro pelo ítalo-brasileiro Angelo Agostini, circulando de 1876 a 1898.

## O secretário

Meu nome é Alcides e, naquele abril de 1892, eu tinha 32 anos e era casado com Maria Benevenuta, a minha Nuta, há treze. Tenho quatro filhos, dois casais. Nasci e moro no Rio de Janeiro, no Morro do Castelo. Sou de família pobre, mas graças ao meu tio Raimundo, que tinha amigos na corte, consegui arrumar um trabalho no Paço da Cidade, como copeiro, onde trabalhei por quatro anos, até 1889.

Nunca tive convicções políticas, nem monarquistas nem republicanas, mas servi ao imperador com o melhor de minha boa vontade e competência. O imperador era um homem simples, paciente e bom. Não tinha o que reclamar dos tempos que servi no seu palácio. O trabalho era tranquilo, as pessoas me respeitavam e o meu ordenado era bom, muito melhor do que podia imaginar para um homem das minhas origens e formação.

Com a mudança de regime, consegui me colocar, sem dor na consciência, a serviço do novo governo republicano formado pelo Marechal Deodoro, no Palácio do Itamaraty.

No dia em que ele renunciou, em 23 de novembro de 1891, o presidente chamou-me em seu gabinete e pediu que eu fosse embora com ele para ser seu secretário particular. Na hora, apesar da surpresa, nem parei para pensar, aceitando de bom grado o convite. Com essa decisão, acabei gratificado com um bom salário e a amizade do Marechal pelo resto de sua vida.

Portanto, naquele abril de 1892, Deodoro e eu tínhamos menos de três anos de convivência. Apesar do pouco tempo, nossa amizade, consideração, respeito e confiança foram aumentando dia a dia. Nas nossas conversas em seu gabinete, entendi que deixei de ser somente um secretário do velho, para ser também seu amigo e confidente.

Nesses tempos, Deodoro foi me contando, aos poucos, em conversas regulares, detalhes íntimos de sua vida. Paulatinamente, ele foi abrindo o baú de seus mistérios e me fazendo, por sua própria vontade e iniciativa, revelações que ninguém mais conheceu, nem seus irmãos, nem Dona Mariana. Fez-me um único pedido: que esses desabafos não fossem contados a ninguém antes de sua morte e de sua esposa.

Sem saber o que fazer com as informações que ouvia de Deodoro, comecei a anotar tudo e, à noite, na tranquilidade do meu quarto, passava a limpo num caderno de memórias. Com o passar do tempo e o importante teor das revelações, acreditei que elas poderiam ser úteis para mim no futuro e pudessem, inclusive, me render um bom dinheiro, caso escrevesse um livro e publicasse suas confidências. Nunca fui um homem de ambições, sou simples e, para mim, tudo está bom. No entanto, quando conheci a Nuta e as suas exigências, tudo na minha vida mudou.

O **Paço da Cidade** é um edifício colonial localizado no centro histórico da cidade do Rio de Janeiro. Construído no século XVIII para residência dos governadores da Capitania do Rio de Janeiro, passou a ser a casa de despachos, sucessivamente, do Vice-Rei do Brasil, do Rei de Portugal Dom João VI e dos imperadores do Brasil.

## O velho Marechal

O alagoano Manuel Deodoro da Fonseca tinha, naquele tempo de nossas conversas, 64 anos. Era casado com Dona Mariana há mais de 30 anos e eles não tinham filhos.

Sua família era toda formada por militares e ele tinha quase 50 anos de carreira no Exército. Lutou na Guerra do Paraguai, destacando-se por atos de bravura e patriotismo, que o ajudaram na sua carreira, pois saiu da guerra com a patente de coronel. Sempre sentiu muito orgulho de ter participado e se destacado no grande conflito do século. Sobre sua carreira, costumava dizer: “só tive um protetor: Solano López. Devo a ele, que provocou a Guerra do Paraguai, a minha carreira”.

Foi presidente da província de São Pedro do Rio Grande do Sul e do Clube Militar, além de fundador e primeiro presidente da República dos Estados Unidos do Brasil. Tinha um elevado prestígio com seus colegas de farda, que costumavam visitá-lo em seu sobrado, no Campo de Santana.

Deodoro era um senhor alto, magro, moreno e de olhos agudos e penetrantes. Usava uma barba curta e branca. Sua fisionomia ativa trazia uma aparência de grande energia, revelando determinação em cada gesto. Sofria de dispneia e costumava ter muitas crises de falta de ar. Seu temperamento desde a juventude foi sempre

muito explosivo, egocêntrico e impetuoso. Nunca foi um homem de deixar para depois ou levar desaforos para casa.

Como presidente da República, enfrentou forte oposição do Congresso Nacional. Homem de opinião muito forte e que não admitia ser contrariado em seus pontos de vista, Deodoro dissolveu o Congresso e decretou Estado de Sítio. Para evitar uma guerra civil, mesmo relutante, acabou renunciando. Ao assinar sua renúncia como presidente da República, disse, bem ao seu estilo: “assino a carta de alforria do derradeiro escravo do Brasil”.

Quando mais jovem, gostava de se vestir bem e ser reconhecido como conquistador, amante da música e das belas mulheres. Era muito vaidoso e, inclusive, corria o boato entre seus amigos de que, nos tempos da juventude, ele perfumava a barba com fragrância de violeta. Gostava também de poesia e costumava frequentar bailes, sendo considerado um exímio pé-de-valsas. Dizem os rumores que, durante sua vida, conquistou mais mulheres pelas cidades que passou do que derrubou inimigos nos campos de batalha. Aos mais íntimos, nunca escondeu que tinha mais orgulho de sua fama de conquistador do que a fama de militar vencedor.

Conheci Deodoro quando fui trabalhar para o governo provisório da República, pouco tempo depois da partida de Dom Pedro II do Brasil. No começo, estranhei o jeito rude e impetuoso do novo chefe, tão diferente do anterior. Mas, com o tempo, me acostumei e acabei gostando de trabalhar com o Marechal. Ele também gostou de mim, tanto que me levou com ele quando deixou a presidência e, com o passar do tempo, tornou-se meu amigo.

O que mais me surpreendia nesse homem intenso e complexo é que Deodoro foi sempre um homem de convicções conservadoras e monarquistas. Ele costumava declarar abertamente que era amigo do imperador, que lhe devia muitos favores e que gostaria de acompanhar o caixão do velho monarca.

Mas foi esse mesmo Deodoro o homem revolucionário, corajoso e implacável que destronou o imperador amado pelo povo, expulsou Dom Pedro e sua família do Brasil e proclamou a República, tornando-se seu primeiro presidente.

Por que mudou tão radicalmente suas convicções e fez o que fez? É o que eu mais pretendia saber nessas conversas despreziosas com o velho Marechal.

**Francisco Solano López Carrillo** (1827–1870) foi presidente da República do Paraguai de 1862 até 1870. Comandou as Forças Armadas e ocupou a posição de chefe supremo do seu país durante a Guerra do Paraguai. Em dezembro de 1864, López declarou guerra ao Brasil, iniciando o conflito mais sangrento da América Latina, com mais de 300 mil mortes dos dois lados. Além disso, aniquilou sua nação, que perdeu cerca 75% de sua população adulta no conflito.

• *Livros iluminam* •

---

Este livro foi composto em Lunaquete  
pela Editora Penalux e impresso em papel  
pólen soft 80 g/m<sup>2</sup>, em março de 2020.

---